



Bolsista: Carolinne Bulgarelli Ferreira

RA: 195592

Orientadora: Prof. Dra. Susana Soares Branco Durão

Título: Consequências e implicações sobre o uso de dados pessoais no combate a pandemia em 2020

Palavras-chave: Monitoramento, COVID-19, Biossegurança, Dados

Objetivos:

Essa pesquisa tem como objetivo apresentar as novas formas nas quais a pandemia da COVID-19 estabeleceu processos tecnológicos de vigilância, monitoramento e captura de dados de geolocalização. Presentes nas formulações de protocolos de biossegurança durante a pandemia de COVID-19, a produção diária de dados estatísticos acerca dos números de contaminação e índices de isolamento tornaram-se agentes na mediação da relação entre humanos e o vírus Sars-CoV-2. Tendo como base a produção de notícias acerca do isolamento no estado de São Paulo, essa pesquisa busca refletir as novas possibilidades de se pensar as relações entre humanos, tecnologias de monitoramento e vigilância, e os impactos dessas na nossa produção de conhecimento tanto sobre o vírus como também da nossa própria humanidade.

1. Covid-19 e políticas de monitoramento

Com início em Wuhan, na China, as escalas do que antes pareciam apenas casos isolados de uma nova doença respiratória tomaram proporções inimagináveis. Os grandes fluxos comerciais e a relação travada com o espaço, a possibilidade de realização de altas taxas de longos deslocamentos entre pessoas, objetos e animais relacionado com a alta capacidade e potencialidade de transmissão do vírus permitiu, assim, o estabelecimento de uma emergência sanitária mundial rapidamente. Em pouco tempo, o mundo via-se tomado pelo medo da contaminação e adoecimento pela nova variante do vírus, agravado ainda pelo pouco conhecimento sobre a mesma.

Por mais que a definição de pandemia refira-se a um contexto global de contaminação, segundo o decreto da Organização Mundial da Saúde em março de 2020¹, a universalização dos efeitos e consequências da COVID-19 encontra-se muito distante da realidade. Protocolos como “lavar as mãos” e “isolamento dentro de casa” parecem orbitar outro mundo para grande parte da população mundial, e os impactos sofridos por determinados grupos em cada contexto configuram experiências de se relacionar com o vírus que destoam completamente de outras. A desigualdade e a falta de acesso a elementos básicos como água e moradia foram apenas colocadas em evidência por uma perspectiva que determinava como prioritário para a contenção do vírus protocolos como higienização das mãos e a permanência do isolamento em casa. Relatórios como o publicado em novembro de 2020 pelas Nações Unidas demonstram que cerca de 40% da população no mundo não possui acesso a água e sabão².

Partindo de dados como esse, surge a necessidade de expandir as concepções das quais nos relacionamos enquanto grupos particulares com os protocolos de contenção dos impactos causados pela COVID-19. Tendo sido trabalhado por diversos estudos na antropologia, as práticas de biossegurança em contextos epidêmicos ou de crises sanitárias, como é o caso de trabalhos como “O Aedes Aegypti e o digital”³, nos faz refletir sobre as relações travadas com as políticas de biossegurança e a nossa relação tanto com os agentes infecciosos como com as tecnologias de monitoramento.

Os protocolos direcionados para a produção da nossa relação com o vírus e, posteriormente, a criação de políticas públicas específicas a partir dos conhecimentos amparados em estatísticas e probabilidades acerca da operacionalização biológica da atuação do vírus, nos remetem aos mecanismos de governamentalidade da biopolítica proposta por Foucault. As classificações de indivíduos em “grupos de riscos”, e a formatação social da desigualdade entre aqueles que puderam se isolar e os que não, reforçam a ideia de uma política que atua sob a ótica clássica proposta pelo autor de “fazer viver e deixar morrer”.

¹ Disponível em <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> acessada em março/2020

² Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2020/11/1733352> acessada em nov/2020

³ Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/kSpqd88QbmfKwjByb9kPHDk/?lang=pt&format=pdf>
Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 48, p. 19-48, maio/ago. 2017

As práticas operadas nos sistemas tecnológicos de manipulação da vida e de produção de ciência a partir da captura de dados, partem de um pressuposto no qual utilização de tecnologias de monitoramento atuam como forma de “previsão de um futuro” ou de como tática de contenção de crises nos remete a repensar os impactos causados pelas novas relações entre humanos, vírus e tecnologia.

2. Relação humanos/tecnologia.

Se por um lado, parte do mundo lutava pela própria sobrevivência, a outra parte tentava se adequar às novas formas de existência e rotina proporcionadas pelas mudanças causadas pelo novo contexto. No início de 2020, com o estabelecimento do isolamento social como forma de contenção aos riscos de contaminação pelo novo coronavírus, espaços delimitados para fora de nossas casas tornaram-se grandes campos de risco. As cidades se viram esvaziadas, e a ordem era clara: as saídas deveriam ser direcionadas apenas ao que se intitulou como “essencial para a sobrevivência”. De um momento para outro, milhares de pessoas se viram impedidas do contato físico com familiares e amigos, alterando completamente nossas formatações de convívio

Resultado do estabelecimento do isolamento social, em pouco tempo, vimos nossas vidas serem reduzidas a uma tela de computador. A necessidade fez com que instituições de ensino fossem levadas, em prazos curtos, a repensarem todos os modelos e planos de aula para formatação à distância. A instauração do home office para diversos trabalhadores fez com que fosse assistida uma mudança brusca nos formatos dos quais operava o mercado de trabalho. A relação com a tecnologia toma, portanto, outra forma. Celulares, notebooks, tablets e gadgets tornaram-se indispensáveis para os novos mecanismos de funcionamento das nossas atividades cotidianas, alterando por completo as relações anteriores com as esferas da vida.

Como trabalhado por Donna Haraway, a tecnologia e os avanços científicos caminhariam de forma a alterar nossos padrões de percepção do mundo e de nós mesmos, previstos com a ideia do ciborgue. O híbrido entre máquina e humano, e a formatação dessa nova identidade de acoplamento de materialidades tecnológicas para potencialização da existência humana se fazem presentes nesse contexto em que a formulação de políticas e protocolos têm como referencial a ativação de sistemas de GPS presentes em aparelhos celulares.

O papel das ciências sociais e da antropologia nesse momento tem estado em grandes discussões. Publicações como “Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia” do professor Jean Segata⁴ nos refletem a pensar como produzir uma forma de fazer antropologia em meio a emergência sanitária que se estabelece como “universal”, propondo uma atenção para a observação da particularidade e individualização das experiências, na qual o papel das ciências humanas se torna fundamental. Partindo desse momento em que são repensados os modelo de socialização, trabalho, afeto e formação educacional, agora muito mais conectados à internet, as maneiras nas quais se estipularam os protocolos de transformação de humanos em dados, estatísticas e elementos da geolocalização diariamente nos coloca em reflexão com os debates com a nossa própria produção de humanidade.

⁴ Disponível em http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n2.pdf